

Comércio faz do Congresso um grande mercado

Entre uma compra e outra, joga-se no bicho sem medo da polícia

Expedito Filho

BRASÍLIA — Nem só de política vive o Congresso Nacional. Como uma pequena, mas rica e sofisticada cidade, por cujos túneis e corredores circulam de 12 mil a 15 mil pessoas por dia, o monumental prédio do Congresso abriga um comércio variado e um conjunto de atividades que, embora típico da vida urbana, pouco tem a ver com a respeitabilidade de um local onde se elabora a Constituição do país: jogo do bicho, agiotagem, câmbio negro de dólares.

O comércio oferece de cavalos puros-sangues a galos de briga, de videocassetes a alinhadas camisas de seda, passando por jóias, relógios e bijuterias. Os cavalos, evidentemente, não circulam pelo tapete azul do Senado. Seria evidente demais e a discrição é a alma dos negócios no Congresso Nacional.

Mas, no gabinete da 1ª vice-presidência, pode-se comprar, por até CZ\$ 2 milhões exemplares de *apaloose* ou quarto de milha, legítimos puros-sangues importados dos Estados Unidos, na mão de Leonel, um antigo funcionário da casa.

Enquanto muitos parlamentares se preocupam em garantir na Constituição a proteção da vida animal e do meio ambiente, no mesmo gabinete, Cezar, outro velho funcionário, vende tranquilamente galos de briga. Os preços variam entre CZ\$ 20 mil e CZ\$ 100 mil, de acordo com a qualidade técnica exibida nas rinhas pelos animais.

Vendedores de produtos, bregas ou chiques, respondem por uma parcela considerável do mera moda exibida pelos tapetes do Legislativo.

De olho no poder de compra dos parlamentares e dos 10 mil funcionários que os servem — 6 mil na Câmara e 4 mil no Senado — José da Costa, 10 anos de casa, orgulha-se da sedução que suas gravatas Ascuto e Ângelo exercem até sobre os representantes dos trabalhadores. “Nem mesmo o deputado Gumerindo Milhomen (PT-SP), que subiu à tribuna para discursar contra as gravatas, deixou de comprá-las” — afirma José.

Como em qualquer cidade, polícia e submundo se misturam. *Rubinho Loterias*, conhecido bicheiro do Distrito Federal, também tem um



representante no Congresso Nacional: *Boi Selado*, codinome de Azevedo, segurança da casa. Com CZ\$ 50 no bolso e respaldado pelo lobby dos colegas de *Boi Selado*, quem quiser pode arriscar o palpite na vaca na portaria do Anexo I. Entre uma aposta e outra, *Boi Selado* vende *quentinhas* aos funcionários por CZ\$ 50 a refeição.

O mercado paralelo do dólar no Congresso se vale da sofisticação e da experiência dos doleiros do Itamarati, que fornecem até as séries das notas para dar tranquilidade ao comprador

nesses tempos de tantas falsificações. Isso ajuda muito o trabalho de seu Manoel e Ribamar, humildes funcionários que nas horas vagas operam o câmbio negro do parlamento nacional.

Além do bicho, a segurança banca também a agiotagem. Junto com Cafezinho, um folclórico vendedor do Congresso, Jorge, da Segurança, chega a cobrar 20% ao mês, o que, na verdade, não é muito se comparado à taxa de juros de algumas financeiras. De qualquer modo, a agiotagem anda em baixa nos corredores do Congresso.